



MEU FILHO TEM DISLEXIA, E AGORA?

Ana Maria Fazzan Longo¹, Elisabete Lacerda Ferreira da Hora², Elisabeth de Paiva Silva Rizzo³

Resumo: Este trabalho apresenta a Dislexia em crianças, dentro do processo educacional, a busca de informações e recursos profissionais adequados para o diagnóstico e o trabalho de intervenção junto à criança, visando ao bem-estar e à inclusão da mesma em sua aprendizagem. Esse distúrbio, que acomete uma parcela considerável de crianças em idade escolar, pode ser confundido com desinteresse, apatia ou simplesmente condição da criança apresentar-se mais lenta na aprendizagem. Abordaremos dois casos de Dislexia, sendo um confirmado e outro em processo de investigação, enfocando a angústia das famílias em busca do diagnóstico e os procedimentos adequados para auxiliar suas crianças: o que fazer diante dos primeiros indícios? Qual o melhor caminho a seguir? Quais profissionais procurar? O sucesso na aprendizagem da criança dependerá do diagnóstico rápido, intervenção e acompanhamento adequados.

Palavras-chave: Dislexia, dificuldade de aprendizagem, família.

Abstract: This paper presents the Dyslexia in children within the educational process, the search for suitable professionals information and resources for diagnosis and intervention work with the child to the well-being and its inclusion in their learning. This disorder that affects a significant portion of school-age children may be confused with indifference, apathy or simply child's condition present itself slower in learning. We will discuss two cases of dyslexia, being a confirmed and another in the process of research, focusing on the anguish of families in search of diagnosis, and procedures to assist their children: what to do before the first signs? What is the best way forward? Which professionals look for? Success in learning the child depends on the rapid diagnosis, intervention and appropriate follow-up.

Keywords: dyslexia, learning disability, family.



*"A árvore que não dá fruto
É xingada de estéril.
Quem examina o solo?
O galho que quebra é xingado de podre,
Mas não havia neve sobre ele?
Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento
Ninguém diz violentas.
As margens que o cerceiam."
(BERTOLT BRECHT)*

INTRODUÇÃO

Seu filho ou aluno é inteligente, mas vai mal na escola? Ele pode ser disléxico.

Através dos casos particulares que serão citados ao longo deste artigo, foi possível analisar as principais dúvidas, as angústias, os questionamentos e os sintomas apresentados que permeiam a vida de uma família diante da dúvida: meu filho tem ou não Dislexia?

O tema foi escolhido para aprofundar o conhecimento e dar subsídios para que a família e os professores que lidam com a criança, possam monitorar de perto os sinais apresentados e o desenvolvimento da criança, pois quanto mais cedo o diagnóstico, mais rápida a ajuda.

O objetivo deste trabalho é fazer uma abordagem sobre o transtorno de aprendizagem, na área de linguagem e propor uma discussão sobre a trajetória em busca de um diagnóstico frente à possibilidade da Dislexia.

DISLEXIA: DEFINIÇÃO E ABORDAGENS.

O oftalmologista, Dr. Rudolph Berlin, há mais de cem anos, foi o primeiro a utilizar o termo Dislexia para se referir a pacientes com dificuldade na leitura. Várias são as definições para o termo Dislexia, as quais se completam:

Segundo Assencio-Ferreira (2005, p.49), “Dys” do grego, que significa imperfeito ou com disfunção. “Lexia”, também do grego, que se refere ao uso de palavras e não somente leitura. Palavra significa comunicação através da linguagem: fala, leitura, escrita e linguagem receptiva.”

Para a Fundação Brasileira de Dislexia (FBD, 2010) “Dislexia é um jeito de ser e de aprender, reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente.”.



Ainda de acordo com a FBD (2010), a Dislexia é um distúrbio ou transtorno específico de aprendizado da Linguagem: em Leitura, Soletração, Escrita, em Linguagem Expressiva ou Receptiva, em Razão e Cálculo Matemáticos, como na Linguagem Corporal e Social. Por muito tempo vem sendo amplamente estudada, pesquisada por inúmeros profissionais, mas, somente nos últimos tempos que, com auxílio do avanço tecnológico (ressonância magnética), e a contribuição de duas áreas importantes, saúde e educação é que foram surgindo respostas ou definições mais adequadas para o entendimento da dislexia. Segundo este estudo, diversas áreas cerebrais são ativadas durante tarefas específicas, sendo que crianças disléxicas mostraram atividade significativamente menor do que a normal nessa área.

Dislexia tem base neurológica, e existe uma incidência expressiva de fator genético em suas causas, transmitido por um gene de uma pequena ramificação do cromossomo 6 que, por ser dominante, torna Dislexia altamente hereditária, o que justifica que se repita nas mesmas famílias (FBD, 2010).

Shaywitz (2006), da Yale University e seus colaboradores anunciaram, recentemente, uma significativa descoberta neurofisiológica, que justifica ser a falta de consciência fonológica do disléxico, a determinante mais forte da probabilidade de sua falência no aprendizado da leitura.

Em sua obra, Entendendo a Dislexia propõe-se a auxiliar pais e profissionais que lidam com a criança, a compreender, identificar e suplantar os problemas de leitura com base em descobertas científicas e buscam explicar em termos mais acessíveis como se dá o processo de desenvolvimento e amadurecimento do cérebro, o que pode ser esperado em cada fase ou etapa escolar do aluno. “A chave para o sucesso e para evitar muitas frustrações é reconhecer a dislexia tão cedo quanto possível, mesmo antes que se espere que uma criança comece a ler” (SHAYWITZ, 2006, p. 99).

Embora esta desordem varie de pessoa para pessoa, as características comuns entre indivíduos com dislexia são dificuldades com o processamento fonológico (manipulação de sons) e/ou resposta visual-verbal rápida. Não possui ligação nenhuma com falta de interesse, motivação, vontade, acuidade visual ou auditiva. Cerca de 80% dos disléxicos possuem dificuldades na leitura em diferentes níveis (FBD, 2010).



IDENTIFICANDO OS PRIMEIROS SINTOMAS

É preciso ficar atento aos primeiros sinais apresentados pela criança, desde bem pequenas, pois elas serão diferentes de outras crianças de mesma idade em vários aspectos. Tais diferenças não serão comuns a todas, mas ocorrem diversas combinações.

Mesmo que a criança apresente alguns destes sintomas não indicam necessariamente que seja disléxica, mas pede uma atenção maior (crianças de risco).

A Associação Brasileira de Dislexia coloca alguns sinais de alerta: se houver parentes disléxicos, a criança que apresentar alguns dos sintomas deverá, o quanto antes, passar por um processo de avaliação realizada por uma equipe multidisciplinar especializada (ABD, 2008).

Geralmente, as crianças disléxicas apresentam algumas características comuns às quais os pais devem ficar atentos. Se a criança apresentar-se desatenta, dispersa, tiver atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem (palavras mal pronunciadas, persistência da chamada linguagem de bebê), dificuldade em aprender rimas e canções (bem como nome das letras e letras do seu próprio nome), dificuldades motoras, dificuldade com quebra cabeça, falta de interesse por materiais impressos, apresentar desorganização geral (SHAYWITZ, 2006).

Na fase pré-escolar o professor poderá auxiliar a observar melhor estes sinais com relação às habilidades e progressos da criança, pois terá sob sua orientação crianças de mesma idade, recebendo os mesmos estímulos. Ao final de cada etapa, é possível observar se o aluno alcançou os objetivos esperados, levando em conta que cada criança tem seu ritmo próprio.

É importante que os pais não façam comparações entre irmãos, pois cada um teve suas experiências de acordo com uma dada realidade e que o momento de um é diferente para o outro.

INTERVENÇÕES

O processo de aprendizagem de leitura do disléxico é extremamente lento. Quando o indivíduo começa a ler, irá construir ao longo do tempo um estoque de palavras que serão adequadamente armazenadas em seu cérebro. No caso do disléxico, como apresenta dificuldade em nomear letras, sílabas e palavras, e relaciona poucas letras de uma palavra a seus sons, o resultado do armazenamento é desastroso e incompleto. Diante deste quadro, o



leitor disléxico necessita muito mais tempo e contato com uma palavra impressa, a fim de que a representação da mesma seja clara e fiel ao que está escrito. Mesmo com todo esse procedimento, ainda, pode acontecer do armazenamento ser incompleto, ou ainda que seja capaz de decodificar palavras com precisão, não serão rápidos em sua leitura. (SHAYWITZ, 2006, p 94).

Esses leitores dependerão muito do contexto, para chegar ao significado e apreensão da palavra. Material de leitura que lhe traga interesse e significado será mais atrativo a esse leitor que se sentirá atraído ao invés de ser repellido. (SHAYWITZ, 2006, p. 95).

O disléxico necessitará de um acompanhamento multissensorial, em que ele possa aprender a ler e escrever utilizando os sentidos (visão, audição, tato).

Também é necessário que seja fortalecido emocionalmente para que obtenha melhor desempenho escolar.

Os pais deverão acompanhar de perto auxiliando o aluno a se organizar (uso de agenda), incentivar as coisas de que gosta e que faz bem feito, auxiliar nos deveres escolares (tarefas, estudar para provas), ler com ele e para ele.

É importante descobrir como é seu desempenho, procurando o melhor caminho. Manter-se calmo e paciente frente às conquistas e dificuldades apresentadas pelo filho, pois, o caminho para o disléxico é um pouco mais difícil e longo, não podendo exigir demais.

A procura por profissionais adequados é essencial nesta busca de auxiliar a criança, devendo ser o mais rápido ao perceber qualquer alteração, bem como manter um bom relacionamento com os profissionais que lidam com a mesma (professores, psicólogos e outros profissionais).

A Associação Nacional de Dislexia (AND, 2000) enfatiza que, na escola, o professor deverá orientar e instruir o aluno, dando dicas simples e específicas de como executar determinado exercício, certificar-se se ele entendeu as instruções dadas (se forem escritas, verificar se o aluno consegue ler e compreender o enunciado, caso seja negativo o professor deverá ler para ele). Não permitir que os colegas o humilhem ou rejeitem por conta de suas dificuldades, evitar pedir ao aluno que leia em voz alta, valorizar suas conquistas, apoiando e favorecendo sempre que possível estratégias lúdicas que auxiliem sua aprendizagem, utilizar recursos audiovisuais (computador, jogos, gravador, principalmente imagens).

A AND (2000) ainda sugere alguns cuidados específicos que o professor deve tomar durante testes e provas, uma vez que o aluno tem dificuldade de escrever as repostas dentro do tempo estipulado: ler as questões/ problemas junto com o aluno, de maneira que ele entenda o que está sendo perguntado; explicitar sua disponibilidade para esclarecer-lhe



eventuais dúvidas sobre o que está sendo perguntado; dar-lhe tempo necessário para fazer a prova com calma; ao recolher a prova, verificar as respostas e, caso necessário, confirme com o aluno o que ele quis dizer com o que escreveu, anotando sua(s) resposta(s); ao corrigir a prova, valorizar ao máximo a produção do aluno, pois frases aparentemente sem sentido e palavras incompletas ou gramaticalmente erradas não representam conceitos ou informações erradas; o professor pode e deve realizar avaliações orais também.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2008), a partir das experiências clínicas com disléxicos, desenvolveu um jogo de régua para leitura. São cinco régua, cada uma com uma função diferente para cada tipo de dificuldade, no intuito de facilitar o treinamento e desenvolvimento da leitura, auxiliando crianças e adultos na fixação ocular, tanto no espaço, quanto na sequência visual. A régua 1 serve para medir e para tabuada, a régua 2 auxilia na leitura de cada palavra; a régua 3 na leitura de cada linha; a régua 4 no direcionamento quando o leitor volta para a esquerda e a régua 5 permite a leitura na vertical, na horizontal e nas colunas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa teve como ponto de partida o estudo de caso de duas famílias que estavam vivenciando o processo de investigação e probabilidade das crianças serem disléxicas.

A técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista não direta, cujas famílias puderam relatar livremente suas experiências.

As famílias que participaram desta pesquisa têm suas filhas (ambas com 9 anos de idade) estudando na rede municipal de educação e cursando a 4ª Série.

Um das crianças (tratada como *criança*¹) já possui laudo positivo para dislexia, associado a quadro de estresse. Durante o processo de investigação (neuropediatra, neuropsicóloga), constatou-se que também tem epilepsia e déficit de atenção, o que muito prejudica sua condição. Por orientação da neurologista, recentemente está fazendo uso da ritalina, sendo acompanhada por psicopedagoga e psicoterapeuta.

A outra criança (tratada como *criança*²) vem sendo acompanhada por fonoaudióloga, terapeuta ocupacional e neuropediatra. Também possui epilepsia, mas ainda não tem um laudo fechado para dislexia.



Em ambas as famílias existem antecedentes de familiares com alguma dificuldade de aprendizagem escolar na leitura ou linguagem, porém a desinformação levou muitos a optarem por sua vida fora da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Minha filha ficava muito nervosa, chorava bastante antes de fazer as provas. A gente percebia que ela tinha interesse em aprender, ela perguntava para a professora sobre o que não entendia, mas na hora da prova parecia que dava “um branco”, ela não conseguia. Na sala de aula é um exemplo de comportamento, mas a professora percebia que ela ficava distante e que não conseguia acompanhar seus amiguinhos. Ela copiava errado o que estava escrito na lousa e não entendia o que lia, ela também não tinha boa leitura e eu não sabia o que fazer para ajudá-la.” (Depoimento da mãe¹, 35 anos).

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2008) destaca que a dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária, com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico, o que a torna altamente hereditária, justificando que se repita nas mesmas famílias.

Diante desta nova visão sobre dificuldades de aprendizagem, abriu-se um leque de possibilidades em que o aluno passou a ser melhor acompanhado e compreendido pela família, deixando de ser extremamente cobrado ou taxado. Ao longo do tempo, pudemos perceber como a evasão escolar tem sido notória. Muitas vezes, sentindo-se incapaz, o indivíduo desiste do processo educacional, acreditando não ser bom, levando o fracasso para diversas áreas da sua vida. Seria o pensamento que “quem é bom, é bom em tudo”. Por não ter informações necessárias ou mesmo confusas sobre o que é dislexia, poucas vezes se aborda esse grave problema, ignorando-o como causa de evasão escolar e analfabetismo funcional. Através desta concepção, a família acaba enxergando a criança como preguiçosa, desinteressada e desatenta.

Um exemplo desta constatação é o depoimento a seguir:

“Toda vez que ela ia para a escola eu sentia uma angústia e pedia muito para Deus ajudá-la e a protegê-la. Foi aí que minha prima vendo minha angústia falou para eu levar minha filha para uma avaliação com a neuro. Depois de fazer todos os testes é que veio o resultado que ela tinha dislexia. Eu não sabia que existia isso, agora que ela está em tratamento, eu estou mais



tranqüila porque estou ajudando minha filha, aliás, todos, até as professoras estão me ajudando, principalmente ela. Estou muito feliz em estar ajudando a minha filha a tempo.” (mãe¹)

A contribuição do psicólogo e cientista norte-americano, Howard Gardner, com sua teoria das inteligências múltiplas causou forte impacto na área educacional. O primeiro impacto da teoria é que existem talentos diferenciados para atividades específicas. Isso justificaria como algumas pessoas se destacam, por exemplo, na música (inteligência musical) e ser um fracasso em matemática (inteligência lógico-matemática) (FERRARI, 2008).

Para Gardner, cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos que serão moldados a partir dos 5 anos, quando entra mais em contato com a cultura (idade pré-escolar). É nessa fase que alguns destes talentos começarão a ser sufocados em detrimento de outros, dando a sensação de que a escola é entediante (FERRARI, 2008).

Geralmente, o aluno disléxico se recusa a ler em voz alta, não se interessa por materiais impressos, procura fugir de situações em que se faz necessária a leitura. Ainda na pré-escola é possível perceber os primeiros sinais de dislexia no tocante a sua fala (apresenta problema de linguagem, demora a falar, fala infantilizada, tem dificuldade em aprender rimas, nomear letras, mesmo do seu próprio nome). Conforme evolui no processo educacional (primeiros anos na escola), persiste ainda em alguns casos pronúncia incorreta de palavras, dificuldade em utilizar palavra correta para nomear objetos, processo muito lento na aquisição das habilidades de leitura, palavras novas ou desconhecidas, antecipação ou adivinhação de palavras ao lê-las etc.

A leitura do disléxico é lenta e cansativa, sua ortografia desastrosa, em que as palavras não são sequer parecidas com a palavra original (SHAYWITZ, 2006).

“Ao perceber as primeiras dificuldades de leitura de minha filha acreditava que seria passageira necessitando que ela tivesse mais empenho, mais contato com materiais impressos, estímulo da família, logo seria superado aquela leitura lenta e travada. Durante a primeira série acompanhou tranquilamente o ritmo da sala e conseguiu se alfabetizar no final do ano, de onde saiu construindo textos com frases curtas. No ano seguinte começaram as pequenas dificuldades na leitura e escrita, como era ainda continuação do processo de alfabetização e o ritmo (avanços e recuos) durante o processo são normais, prosseguimos sem intervenção mais específica. Foi no final da segunda série que foi ficando mais nítido que haveria algum indicio a ser melhor observado. Levamos ao oftalmologista, por indicação da escola, onde foi verificado necessidade de uso de óculos. Mudamos o lugar que sentava na sala para atender a uma queixa da criança, que apesar de usar óculos relatava que às vezes as letras viravam borrões. Na época não tínhamos conhecimento sobre o que estaria acontecendo com a criança. Buscamos também apoio de uma fonoaudióloga, pois a criança apresentava aglutinações, trocas e omissões



de letras. A mesma percebeu um processamento visual lento durante a (transição dos olhos pelas palavras) durante a leitura. Aquela leitura lenta e cansativa nós deixava angustiados, Como uma criança tão dinâmica, falante e curiosa estava se afastando de seus livros? Passou a sempre arranjar um pretexto para não ler, não ir à escola. Aos poucos foram vindo outros relatos ainda mais intrigantes: “mãe, tá difícil ler agora essa linha (referindo-se a frase) fica mexendo, vem aqui embaixo e eu não enxergo”. (Depoimento da mãe², 38 anos).

A Fundação Brasileira de Dislexia (FBD, 2009) cita que o Dr. Breitmeyer descobriu que há dois mecanismos inter-relacionados no ato de ler: o mecanismo de fixação visual e o mecanismo de transição ocular que, mais tarde, foram estudados pelo Dr. William Lovegrove e seus colaboradores, e demonstraram que crianças disléxicas e não disléxicas não apresentaram diferença na fixação visual ao ler, mas que os disléxicos, porém, encontraram dificuldades significativas em seu mecanismo de transição no correr dos olhos, em seu ato de mudança de foco de uma sílaba à seguinte, fazendo com que a palavra passasse a ser percebida, visualmente, como se estivesse borrada, com traçado carregado e sobreposto. Sensação que dificultava a discriminação visual das letras que formavam a palavra escrita.

“Não temos um diagnóstico fechado sobre o que está acontecendo com minha filha, nem temos uma análise mais apurada dos professores que lidam com ela, acredito até por conta de conseguir as médias necessárias e ser uma criança extremamente tranquila em sala de aula, as mesmas acreditem que seja uma dificuldade passageira, mas a cada dia as dificuldades aumentam. As atividades de sala de aula não são completadas há tempos e exigindo que busque junto aos colegas o empréstimo de caderno para terminar de copiar a matéria. Os deveres de casa são intermináveis e precisa sempre do auxílio dos pais na leitura dos enunciados.” (mãe²).

Acreditamos que a escola deve ser um lugar onde os pais possam junto com os profissionais investigar e procurar soluções e maneiras adequadas para auxiliar o aluno a ter êxito na sua aprendizagem. Mas ainda é comum nos depararmos com muitas dúvidas e ações equivocadas ou nenhuma ação com relação a essas crianças.

Nos dois casos que acompanhamos, pudemos perceber que a escola até consegue perceber que existe uma dificuldade ou problema acontecendo com o aluno, porém efetivamente não encaminha ou “caminha” junto com a família na busca das soluções ou mesmo de esclarecimentos.

Os encaminhamentos não foram pedidos pela escola, bem como também não foi conversado sobre o problema com as famílias envolvidas antes que as mesmas procurassem



ANA MARIA FAZZAN LONGO¹, ELISABETE LACERDA FERREIRA DA HORA², ELISABETH DE PAIVA SILVA RIZZO³

a escola. Todo o processo de procura de profissionais e avaliação partiu da própria família, que, ao final, levou o resultado a conhecimento da escola, como nos foi relatado pela primeira família citada.

A segunda família, apesar de contar com uma equipe multidisciplinar que desenvolve um trabalho na rede, passou o último semestre do ano letivo sem obter suporte desta equipe. Ao final do ano, após cobrar posicionamento, obteve encaminhamento para triagem com terapeuta ocupacional.

A maioria das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem apenas são enquadradas como demanda. A falta de diálogo na estrutura escolar, a falta de um projeto político pedagógico e planejamento adequado, gera um total despreparo para lidar com as diversidades surgidas em sala de aula e em toda a escola.

O projeto da escola depende, sobretudo, da ousadia dos seus agentes, da ousadia de cada escola em assumir-se como tal, partindo da 'cara' que tem, com seu cotidiano e o seu tempo-espço, isto é, o contexto histórico em que ela se insere. Projetar significa 'lançar-se para frente', antever um futuro diferente do presente. Projeto pressupõe uma ação intencionada com um sentido definido, explícito, sobre o que se quer inovar. (GADOTTI, 1994 apud MACHADO, 2001, p.06)

Hoje, muito se fala em inclusão escolar e cabe à escola tomar decisões que visam promover mudanças que tornem possível melhorar a situação do aluno, para que as boas ideias não fiquem apenas no papel.

O planejamento escolar é sempre fruto de uma demanda, portanto, deve haver a investigação e o conhecimento da clientela a ser atendida (fatores socioeconômicos, aspectos culturais, ritmos diferenciados de aprendizagem, aspectos comportamentais, alunos provenientes de outras redes de ensino).

É um instrumento que tem a finalidade de apontar a direção que a escola deve seguir, respeitando as normas comuns a todos os estabelecimentos de ensino (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), porém com autonomia pedagógica. Assim, obterá melhores resultados, tornando o seu fazer pedagógico mais competente.

É a partir da interação entre os atores e autores da escola (gestores, professores, profissionais de apoio, alunos, pais) com suas opiniões e, mesmo divergências, que será possível lançar-se a novas ideias, atuar na prevenção e detecção de problemas de aprendizagem, elaborando planos educacionais e propostas metodológicas adequadas, tentando, assim, evitar os fracassos educacionais.



Na sala de aula, é o professor na relação com o aluno que verá a necessidade de adaptar e melhor conduzir os conteúdos e objetivos, com estratégias coerentes com cada realidade.

Muitos professores consideram apenas as características e o perfil da criança no sentido comportamental. Se a criança é indisciplinada, os agendamentos são agilizados como se o comportamento fosse o “vilão” das dificuldades de aprendizagem. Se, ao contrário, tende-se a protelar o encaminhamento, pois a criança demonstra ser interessada, portanto, em algum momento, alcance as “notas” esperadas.

Diante dessa perspectiva, o atendimento ao aluno, muitas vezes, torna-se ineficiente e tardio, o que comprova o despreparo dos profissionais de educação em lidar com adversidades que surgem, ou seja, detectam o problema, mas não conseguem dar continuidade ao trabalho.

Não podemos esquecer que a sala de aula é parte de uma instituição escolar com identidade própria, organização e funcionários, que direta ou indiretamente lidam com as crianças, e por isso, devem estar entrosados frente às demandas para atender a contento às necessidades dos alunos.

As escolas podem estar abertas a novas ideias, podem mudar e podem instituir com sucesso programas educacionais eficazes (SHAYWITZ, 2006, p.221).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que a família busque o quanto antes a ajuda de uma equipe multidisciplinar (fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo), que fará uma investigação minuciosa, recorrendo se necessário ao auxílio de outros profissionais, como neurologista e oftalmologista, para descartar quaisquer problemas que possam interferir no processo de aprendizagem do aluno.

Assim, percebe-se que o processo de avaliação é primeiramente por exclusão como déficit intelectual, disfunções ou deficiências auditivas e visuais, lesões cerebrais (congenitas e adquiridas), desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar (embora posteriormente o disléxico irá apresentar prejuízos emocionais devido aos constantes fracassos), pois os mesmos sintomas podem ser decorrentes de síndromes, lesões.

É preciso ter em mente que o disléxico tem uma capacidade grande para se sobressair das dificuldades encontradas, o que resulta muitas vezes de alguns se tornarem gênios em determinadas atividades.



ANA MARIA FAZZAN LONGO¹, ELISABETE LACERDA FERREIRA DA HORA², ELISABETH DE PAIVA SILVA RIZZO³

Como já citamos no início deste trabalho o disléxico “tem um jeito de ser e de aprender, que reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente”.

No que se refere à Inclusão escolar, não existem leis específicas para disléxicos, apenas engloba o direito de acesso à escola como de qualquer outro cidadão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) no seu art.59, inciso I, enfatiza que: "os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades."

A Associação de Pais e Amigos de Disléxicos (APAD) tem feito um trabalho junto às autoridades competentes (MEC, Governo estadual, Município) no sentido da criação de leis específicas de inclusão para os disléxicos, assim como capacitação de professores e utilização de mecanismos de acomodações para eles, inclusive no exame de vestibular e nos concursos públicos.

No Brasil, a saúde e a educação, apesar de amplamente debatido e prometido pelos políticos, ainda não temos uma política pública que atenda às necessidades da população, apesar de existirem Ongs, Associações de Apoio aos Pais dos disléxicos, que muito colaboram com aqueles que não possuem recursos financeiros para um tratamento adequado. Na maioria das vezes, nas regiões mais afastadas dos grandes centros, ainda é reservada aos pais a busca de atendimento especializado privado, tornando muito mais difícil e oneroso.

REFERÊNCIAS

ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. *O que todo professor precisa saber sobre neurologia*. São José dos Campos: Pulso; 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: COMAS-SP N°1249/2008 Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em Outubro de 2010.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA, 2000. Disponível em: <<http://www.andislexia.org.br>> . Acesso em Janeiro de 2011.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DE DISLÉXICOS, Disponível em: <<http://www.apad-dislexia.org.br>>. Acesso em Dezembro de 2010.



FERRARI, Márcio. “Howard Gardner – Trabalho dos gênios”. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/howard-gardner-307909.shtml?page=page2> texto 01/07/2008 1:8>. Acesso em Dezembro de 2010.

FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2009. Disponível em: <<http://www.dislexia.com.br>> . Acesso em Outubro de 2010.

MACHADO, Maria Aglaê de Medeiros (Coord.); SOUSA, José Vieira de; MARÇAL, Juliane Corrêa; *Progestão: Como Promover a Construção Coletiva do Projeto Pedagógico da Escola?*, Módulo III, Brasília: CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001.

SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia: Um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*; Tradução Vinicius Figueira; Porto Alegre: Artmed, 2006.

1 Graduada em Pedagogia com Licenciatura Plena, Faculdades Integradas Rui Barbosa (FIRB), Andradina, São Paulo, Brasil; Pós-Graduada em Magistério: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Associação de Ensino e Cultura Urubupungá (FIU/AECU), Pereira Barreto, São Paulo, Brasil; amflongo@hotmail.com

2 Graduada em Pedagogia com Licenciatura Plena, Habilitação em Supervisão Escolar de 1º e 2º graus, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; Pós-Graduada em Magistério: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Associação de Ensino e Cultura Urubupungá (FIU/AECU), Pereira Barreto, São Paulo, Brasil; betelhora@hotmail.com

3 Graduada em História com Licenciatura Plena, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; Graduada em Pedagogia com Licenciatura Plena, Faculdade Reunida de Ilha Solteira (FAR), Ilha Solteira, São Paulo, Brasil; Pós-Graduada em Magistério: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Associação de Ensino e Cultura Urubupungá (FIU/AECU), Pereira Barreto, São Paulo, Brasil; beth_rizzo@hotmail.com